



# JOSEMARÍA ESCRIVÁ DE BALAGUER

Fundador do Opus Dei

VICE-POSTULAÇÃO DO OPUS DEI EM PORTUGAL. Campo Grande, 193. Lisboa-5

Este BOLETIM INFORMATIVO publica-se com aprovação eclesiástica.

BOLETIM INFORMATIVO N.º 2-LISBOA, DEZEMBRO DE 197

## Falar com Deus

Monsenhor Josemaría Escrivá de Balaguer y Albás nasceu em Barbastro (Espanha), a 9 de Janeiro de 1902. Frequentou o curso do liceu em Barbastro e Logronho, e fez os estudos eclesiásticos na Universidade Pontifícia de Saragoça, onde se licenciou em Sagrada Teologia. Mais tarde viria a fazer em Roma o respectivo doutoramento.

Frequentou o curso de Direito Civil na Universidade de Saragoça e posteriormente doutorou-se na Universidade de Madrid. Em 1960 recebeu o título de Doutor *honoris causa* em Filosofia e Letras, pela Universidade de Saragoça. Foi o primeiro Grão-Chanceler das Universidades de Navarra, em Espanha, e de Piura, no Perú.

Ordenado sacerdote a 28 de Março de 1925, iniciou o seu trabalho pastoral em paróquias rurais e, a partir de 1927, entre os pobres e doentes dos bairros periféricos e hospitais de Madrid. Alguns anos mais tarde, foi nomeado Reitor do Patronato Real de Santa Isabel, também em Madrid, cargo que desempenhou até 1946, quando mudou a sua residência para Roma.

Foi consultor de diversas Comissões Pontifícias e Congregações da Santa Sé, Prelado Doméstico de Sua Santidade e Membro da Academia Pontifícia Romana de Teologia.

Tinha fundado, no dia 2 de Outubro de 1928, em Madrid, o Opus Dei, caminho de santificação no meio do mundo, e fermento de intensa vida cristã em todos os ambientes. A 14 de Fevereiro de 1930, Mons. Escrivá de Balaguer fundava a Secção Feminina do Opus Dei e, a 14 de Fevereiro de 1943, dentro do Opus Dei, a Sociedade Sacerdotal da Santa Cruz. O Opus Dei recebeu a aprovação definitiva da Santa Sé a 16 de Junho de 1950.

Com oração e penitência constantes, e com uma contínua e incondicionada entrega à Vontade de Deus, o Padre – como lhe chamam os seus filhos e filhas, e muitos outros milhares de pessoas de todas as condições – impulsionou e dirigiu a expansão do Opus Dei por todo o mundo, ao longo de quarenta e sete anos. (Actualmente estende-se pelos cinco continentes, com mais de 70 000 sócios, de mais de 80 nacionalidades).

A Santa Missa era a raiz e o centro da vida interior do Fundador do Opus Dei. O profundo sentido da sua filiação divina levava-o a procurar em tudo a mais completa identificação com Jesus Cristo, a ter uma terna e forte devoção à Virgem Santíssima e a São José, a um convívio habitual e confiante com os Santos Anjos da Guarda e a ser um semeador de paz e de alegria por todos os caminhos da terra.

Monsenhor Escrivá de Balaguer tinha oferecido a sua vida, repetidas vezes, pela Igreja e pelo Pontífice Romano. O Senhor acolheu esse oferecimento e o Padre entregou santamente a sua alma a Deus, em Roma, no dia 26 de Junho de 1975, no seu quarto de trabalho, com a mesma simplicidade que caracterizou toda a sua existência.

O seu corpo repousa na Cripta da Capela de Santa Maria da Paz – Rua Bruno Buozzi, 75, Roma –, continuamente acompanhado pela oração e agradecimento dos seus filhos e filhas e de inúmeras pessoas que se aproximaram de Deus, atraídas pelo exemplo e ensinamentos do Fundador do Opus Dei.

Capa: *Mons. Escrivá de Balaguer, depois de uma tertúlia no Centro de Estudos de Extensão Universitária (S. Paulo, Brasil), a 25 de Maio de 1974.*

**Jesus Cristo, meus filhos, dá-nos exemplo e ensina-nos a fazer oração. E, levantando-se muito de madrugada, saiu e foi a um lugar solitário, e lá fazia oração (Mc. I, 35). Comove-me esta urgência – de madrugada, sublinha S. Marcos – para dialogar com o Pai Eterno...**

Mons. Escrivá de Balaguer contempla a oração de Jesus e transpõe o exemplo para a sua própria vida. Na sua luta diária, foi este o seu único desejo: procurar um convívio íntimo e contínuo com Deus Nosso Senhor; ser alma contemplativa, alma de oração.

Terminou já a sua passagem pela terra e, como uma constante da sua biografia, descobrem-se aquelas etapas a que se refere no *Caminho: Ao oferecer-te aquela História de Jesus, pus como dedicatória: «Que procures Cristo. Que encontres Cristo. Que ames Cristo» (1).*

O Fundador do Opus Dei foi um sacerdote que sempre estava ou a falar de Deus ou a falar com Deus. Com o seu exemplo, com a sua palavra, com os seus escritos, orientou milhões de almas por caminhos de oração.

**Tu e eu – dizia – queremos alcançar a santidade... E para isso é necessário que nos identifiquemos com Cristo, que nos revistamos de Cristo: *induimini Dominum Iesum Christum!* (Rom. XIII, 14). Filhos da minha alma, todos temos de ser *ipse Christus*: o próprio Cristo; mas cada qual deve ver como enverga o traje de que fala o Apóstolo; cada um, pessoalmente, tem de dialogar com o Senhor.**

**Portanto, que havemos de fazer tu e eu? Conviver muito com o Senhor, procurá-lo como Pedro, para ter uma conversa íntima com Ele. Repara bem que digo conversa: diálogo de dois, frente a frente, sem nos escondermos no anonimato. Necessitamos desta oração pessoal, desta intimidade, desta convivência directa com Deus Nosso Senhor.**

Mons. Escrivá de Balaguer nunca dava receitas prefabricadas sobre a maneira de falar com Deus. Ensinava que a oração pessoal não se reduz a um modelo único: cada alma tem o seu modo específico, de acordo com a sua maneira de ser e as necessidades do momento. **Não determino como cada um deve fazer oração, isso é algo muito pessoal... só vos dou umas indicações gerais; depois, cada um segue o seu próprio caminho, diferente do dos outros.**



Mons. Escrivá de Balaguer reza no Santuário de Nossa Senhora de Luján (Argentina), a 12 de Junho de 1974. Ao seu lado, o actual Presidente Geral do Opus Dei, Rev. Doutor Álvaro del Portillo, e o Rev. Doutor Javier Echevarría, Secretário-Geral da Obra.

No entanto, é frequente ouvir-se perguntar: como fazer oração? Numa homilia pronunciada em 4 de Abril de 1955, temos a resposta do Fundador do Opus Dei: Como fazer oração? Atrevo-me a assegurar, sem receio de me enganar, que há muitas, infinitas maneiras de orar, poderia dizer. Mas eu preferia para todos nós a autêntica oração dos filhos de Deus, não o palavreado dos hipócritas que hão-de ouvir de Jesus: *nem todo o que me diz: Senhor!, Senhor!, entrará no reino dos céus* (Mt. VII, 21). Os que são movidos pela hipocrisia, podem talvez conseguir o ruído da oração – escrevia Santo Agostinho –, mas não a sua voz, porque aí falta vida (2) e há ausência de afã por cumprir a Vontade do Pai. Que o nosso clamor – Senhor! – vá unido ao desejo eficaz de converter em realidade essas moções interiores, que o Espírito Santo desperta na nossa alma.

Temos de nos esforçar para que da nossa parte não haja sequer uma sombra de duplicidade. O primeiro requisito para desterrar esse mal que o Senhor condena duramente, é procurar comportar-se com a disposição clara, habitual e actual de aversão ao pecado. Com vigor, com sinceridade, temos de sentir – no coração e na cabeça – horror ao pecado grave. E também temos de ter profundamente arreigada em nós a determinação de abominar o pecado venial deliberado, essas claudicações que não nos privam da graça divina, mas que debilitam as vias através das quais ela nos chega.

Nunca me cansei e, com a graça de Deus, nunca me cansarei de falar de oração. Por volta de 1930, quando se aproximavam de mim, jovem sacerdote, pessoas de todas as condições – universitários, operários, são e doentes, ricos e pobres, sacerdotes e leigos –, que procuravam acompanhar mais de perto o Senhor, aconselhava-os sempre: rezai. E, se algum me respondia «não sei sequer como começar», recomendava-lhe que se pusesse na presença do Senhor e Lhe manifestasse a sua inquietação, a sua dificuldade, com essa mesma queixa: «Senhor, não sei!». E muitas vezes, naquelas humildes confidências, concretizava-se a intimidade com Cristo, um convívio assíduo com Ele.

Passaram muitos anos, e não conheço outra receita. Se não te consideras preparado, recorre a Jesus como faziam os seus discípulos: *ensina-nos a orar!* (Lc. XI, 1). Comprovarás como o Espírito Santo *ajuda a nossa fraqueza, pois que, não sabendo sequer o que havemos de pedir nas nossas orações, nem como é conveniente expressarmo-nos, o próprio Espírito Santo facilita as nossas súplicas com gemidos inefáveis* (Rom. VIII, 26), que não se podem contar porque não existem modos apropriados para descrever a sua profundidade.

Que firmeza nos deve dar a Palavra divina! Não inventei nada, quando – ao longo do meu ministério sacerdotal – repeti e repito incansavelmente esse conselho. Foi recolhido da Escritura Santa, daí o aprendi: Senhor, não sei dirigir-me a Ti! Senhor, ensina-nos a orar! E logo nos vem, plena de amor, toda a assistência – luz, fogo, vento impetuoso – do Espírito Santo, que acende a chama e a torna capaz de provocar incêndios de amor.

Orar é, pois, falar com Deus. Mas de quê? – De quê? D'Ele e de ti; alegrias, tristezas, êxitos e fracassos, ambições nobres, preocupações diárias..., fraquezas; e acções de graças e pedidos; e Amor e desagravo.

Em duas palavras: conhecê-Lo e conhecer-te – ganhar intimidade! (3)

(1) Cfr. *Caminho*, n.º 382.

(2) Santo Agostinho, *En. in Ps.* 139, 10.

(3) *Caminho*, n.º 91.

## Entre os pobres e os doentes de Madrid

A 2 de Outubro de 1928, Mons. Escrivá de Balaguer recebeu a semente do Opus Dei na sua alma e, desde então, com generosidade, entregou-se à tarefa que havia de encher-lhe o resto da vida: quase cinquenta anos a abrir caminhos para o serviço do Senhor e da sua Igreja. Uma ou outra vez, nas suas conversas, contou quais foram os alicerces do edifício que, por vontade de Deus, tinha que edificar. A 19 de Março de 1975, durante uma tertúlia com um grupo de filhos seus, em Roma, recordava:

«Que meios empreguei eu? (...) Fui procurar fortaleza nos bairros mais pobres de Madrid. Horas e horas por todos os lados, todos os dias, a pé, de um lado para o outro, entre pobres envergonhados e pobres miseráveis que não possuíam nada de nada; entre crianças com monco no nariz, sujas, mas crianças, o que quer dizer almas agradáveis a Deus! Que indignação sente a minha alma de sacerdote, quando agora dizem que as crianças não se devem confessar enquanto são pequenas! Não é verdade! Têm que fazer a sua confissão pessoal, auricular e secreta, como as outras pessoas! E que bem, que alegria! Foram muitas horas naquele trabalho, mas tenho pena de não terem sido mais. E nos hospitais e nas casas em que havia doentes, se é que se podem chamar casas àqueles tugúrios... Eram pessoas desamparadas e doentes; algumas com uma doença que então era incurável: a tuberculose.

De modo que fui a todos esses sítios buscar os meios para fazer a Obra de Deus. Entretanto, trabalhava e formava os primeiros que tinha ao meu redor. Um mostruário completo: havia universitários, operários, pequenos empresários, artistas...

Foram anos intensos, em que o Opus Dei crescia para dentro sem nos apercebermos. Mas quis dizer-vos — um dia virá em que vo-lo contarão com mais pormenor, com documentos e papéis — que a fortaleza humana da Obra foram os doentes dos hospitais de Madrid: os mais miseráveis; os que viviam nas suas casas tendo perdido até a última esperança humana; os mais ignorantes daqueles bairros periféricos. Estas são as ambições do Opus Dei, os meios humanos que utilizámos: doentes incuráveis, pobres abandonados, crianças sem família nem cultura, lares sem fogo, nem calor, nem amor. E formar os primeiros que vinham, falando-lhes de tudo o que se faria com uma segurança completa, como se já estivesse feito...

E depois Deus levou-nos pelos caminhos específicos da nossa vida interior. Que é que eu procurava? *Cor Mariae Dulcissimum, iter para tutum!* Procurava o poder da Mãe de Deus, como um filho pequeno, seguindo por caminhos de infância. Recorria a S. José, meu Pai e Senhor. Interessava-me vê-lo poderoso, poderosíssimo, chefe daquele grande clã divino, a quem o próprio Deus obedecia: *erat*

*subditus illis!* Recorri com simplicidade à intercessão dos Santos (...) Recorri aos Santos Anjos com confiança, com puerilidade, sem me dar conta de que Deus me conduzia — vós não tendes que imitar-me, viva a liberdade! — por caminhos de infância espiritual.

Que pode fazer uma criatura que deve cumprir uma missão, se não tem meios, nem idade, nem ciência, nem virtudes, nem nada? Vai para junto da mãe e do pai, recorre aos que têm algum poder, pede ajuda aos amigos... Foi isso que eu fiz na vida espiritual. Isso sim, marcando o ritmo com golpes de disciplinas — de penitência, de expiação.

É difícil fazer hoje uma ideia da indigência em que então viviam alguns sectores periféricos de Madrid que, tal como outras cidades europeias, duplicara o número de habitantes em poucos anos. Uma boa parte daquelas 800.000 almas eram imigrantes que, em condições durís-

simas, povoavam os novos bairros da cintura urbana, como Tetuan e Vallecas.

Naquele tempo, Mons. Escrivá de Balaguer, além do seu trabalho fundacional do Opus Dei, era Capelão da Obra Apostólica do Patronato de Doentes, na Rua de Santa Engrácia (hoje Garcia Morato), perto da Praça Alonso Martinez. Era uma actividade de beneficência das Damas Apostólicas, fundadas poucos anos antes por D.<sup>a</sup> Luz Rodriguez Casanova, que atendia pobres e doentes, procurando dar-lhes socorro não só material mas também espiritual, assim como a instrução necessária para receber os Sacramentos.

Uma das primeiras Damas Apostólicas escreveu acerca daqueles anos:

«Para nós foi um grande benefício termos D. Josemaría como Capelão do Patronato. Recordo as nossas actividades apostólicas nos bairros periféricos de Madrid; os hospitais estavam a abarrotar



Madrid, Patronato dos Doentes.

e os doentes morriam nas suas próprias casas. Procurávamos os mais graves e com menos assistência, para os ajudarmos espiritual e materialmente.

«E, naquele ambiente, D. Josemaría tornou-se-nos imprescindível. Tratava dos actos de culto da Casa: Missa, Exposição do Santíssimo, Terço. Não tinha obrigação de prestar assistência ao nosso trabalho de caridade. Mas D. Josemaría sempre se entregou, sacrificada e desinteressadamente, ao número incontável de pobres e doentes que via ao alcance do seu coração sacerdotal. Assim, quando tínhamos um doente que ia morrer afastado da graça, confiávamo-lo a D. Josemaría com a certeza de que seria atendido. Não me lembro de um só caso em que não tivéssemos conseguido o que pretendíamos.

«Grande trabalhador e de uma actividade constante, dedicava-se a cada um sem pressa, como se não tivesse mais nada que fazer. Visitava-os, levava-lhes a Comunhão e administrava-lhes outros Sacramentos. Para dar uma ideia daquele trabalho assistencial em que D. Josemaría desempenhava um papel tão importante, recolho do nosso Boletim trimestral que, em 1927, visitámos entre quatro e cinco mil doentes, houve mais de três mil confissões e deram-se outras tantas Comunhões, administraram-se quase quinhentas Extrema-Unções e mais de cem Baptismos, e houve entre setecentos e oitocentos casamentos.

«Além disto, D. Josemaría ia aos colégios que possuíamos em bairros madrilenos, que eram cinquenta e oito com doze mil crianças. Aí ensinava e conversava amistosamente com as crianças, empregando toda a sua simpatia pessoal e a sua energia de apóstolo para os levar ao conhecimento e ao amor de Jesus Cristo. Na nossa casa de Santa Engrácia, D. Josemaría também falava aos que ali estavam acolhidos, dialogando com

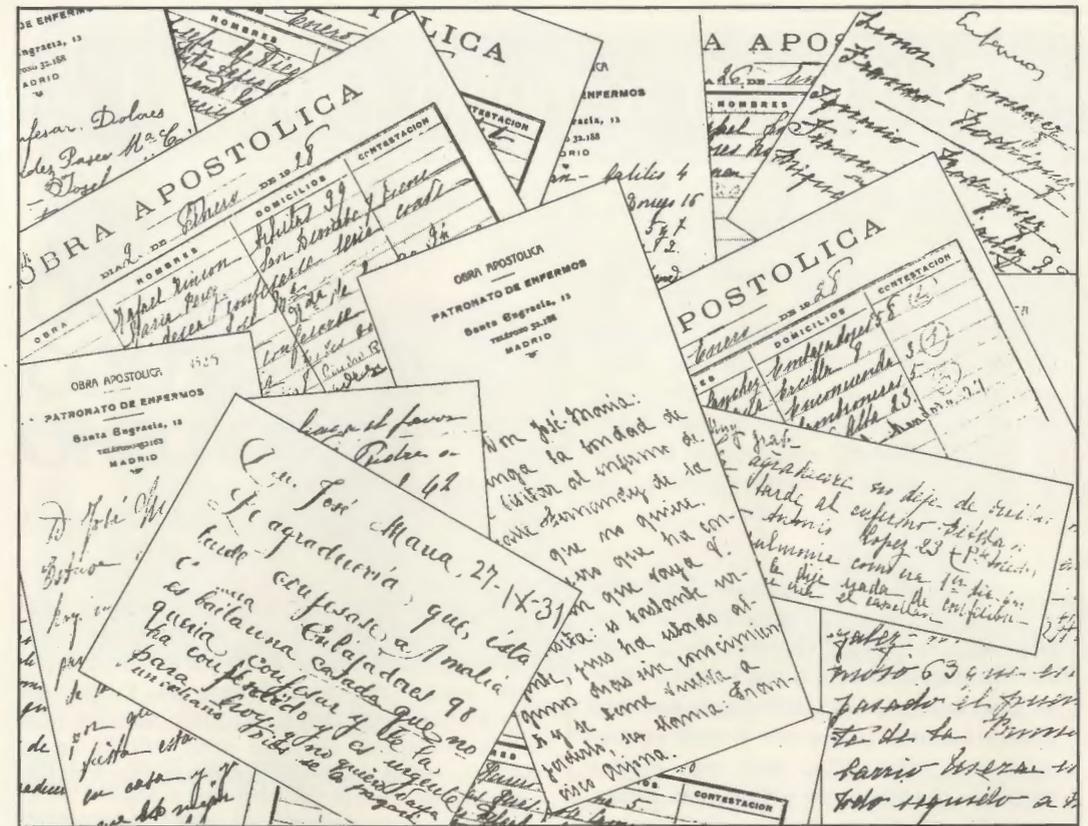
todos: falava-lhes com simplicidade da Doutrina Cristã e ocupava-se dos seus problemas. Era um amigo e um santo sacerdote».

Com efeito, o Patronato de Doentes era uma grande obra de beneficência de que o Padre sempre conservou uma lembrança cheia de carinho.

Uma das pessoas que ajudava as Damas Apostólicas escreve: «D. Josemaría tanto levava a Comunhão aos doentes de Tetuan de las Victorias, como do Paseo de Extremadura, de Magín Calvo, de Vallecas, de Lavapies, de San Millan, do bairro do Lucero ou da Ribera del Manzanares. Também confessava no Patronato todos os que podiam ir até Santa Engrácia. Aos domingos, os rapazes dos colégios que as Damas Apostólicas tinham nos diversos bairros, reuniam-se no Patronato. D. Josemaría confessava-os e organizavam-se Primeiras Comunhões várias vezes durante o ano. Anos houve em que comungaram pela primeira vez mais de quatro mil crianças».

Em Maio de 1974, numa tertúlia em S. Paulo (Brasil), durante uma das viagens de catequese dos seus últimos anos, ao responder a um médico, o Padre recordava o seu trabalho entre os pobres e doentes de Madrid:

«Meu filho, vou contar-te um episódio. Havia um sacerdote jovem que devia cumprir uma missão... mundial. Não tinha virtudes e tão-pouco as tem agora: já passaram quase cinquenta anos, quarenta e sete... Não possuía virtudes nem dinheiro. Nada, a não ser juventude, bom humor e graça de Deus. Gostava muito de visitar os doentes pobres, e uma vez encontrava-se — como tantas outras — à cabeceira de um rapaz novo, moribundo, desses de quem tens pena. A mim também me fazem pena, mas, naquele momento, invejei-o. Vi que aquela alma, purificada, ia direita ao Senhor e disse-lhe: tenho



Há centenas de notas como estas, dirigidas a Don Josemaría, dando-lhe conhecimento de pessoas que necessitavam da sua atenção. Em algumas ainda se podem ver os números que escrevia para organizar os seus itinerários através das ruas de Madrid.

inveja de ti! Morreu muito consolado, muito contente».

Umás horas mais tarde, ao falar de trabalho, o Padre completou o relato:

«É muito cómodo morrer (...) A única vez em que, por uns momentos, o desejei, foi à cabeceira daquele moribundo, quando era um sacerdote jovem. Invejei-o. Disse: este vai para o Céu! Além disso, pensei que estas palavras o consolavam, como efectivamente consolaram. O Senhor premiou-me, porque fui fazendo oração desde aquele lugar — era um descampado — subindo até Atocha e andando depois até Santa Engrácia, pela praça Alonso Martinez».

Noutros números deste Boletim Informativo ocupar-nos-emos do trabalho sacerdotal de Mons. Escrivá de Balaguer nos hospitais de Madrid, a que também se dedicou com especial intensidade durante aqueles anos.

Bem pode, pois, pensar-se que o Fundador do Opus Dei reflectia uma viva experiência pessoal quando escrevia no ponto 419 de Caminho:

«— Criança. — Doente. — Ao escrever estas palavras, não sentis a tentação de as pôr com maiúscula?

É que, para uma alma enamorada, as crianças e os doentes são Ele».

# Sob o seu impulso espiritual

Com a sua heróica fidelidade à Vontade divina, com oração e mortificação incessantes, e com um trabalho cheio de esperança, Monsenhor Josemaría Escrivá de Balaguer inspirou e dirigiu, durante 47 anos, o desenvolvimento apostólico do Opus Dei por todo o mundo.

...o apostolado essencial do Opus Dei – em palavras do seu Fundador – é o que cada sócio realiza individualmente no lugar em que trabalha, com a sua família, entre os seus amigos. Uma actividade que não chama a atenção, que não é fácil de traduzir em estatísticas, mas que produz frutos de santidade em milhares de almas, que vão seguindo Cristo, silenciosa e eficazmente, no meio da actividade profissional de todos os dias. (Temas actuais do Cristianismo, n.º 71).

Mas, além disso, como ele próprio respondia à pergunta de um jornalista, o Opus Dei, como corporação, promove, com o concurso de um grande número de pessoas que não estão associadas à Obra – e que muitas vezes não são cristãs – trabalhos corporativos, com que procura contribuir para a resolução dos problemas que o mundo actual enfrenta: centros educativos, assistenciais, de promoção e habilitação profissional, etc. (Temas actuais do Cristianismo, n.º 84).

Iremos apontando aqui, com forçosa brevidade, algumas das muitas obras apostólicas que, com diferentes características, conforme as necessidades do lugar ou do tempo, nasceram sob o impulso espiritual do Fundador do Opus Dei.

## SEIDO GAIKOKUGO KENKYUSHO

Ashiya (Japão)

Poucas horas antes de o Senhor o chamar para junto de si, Mons. Josemaría Escrivá de Balaguer esteve reunido com um grupo de associadas da Obra, de várias nacionalidades. Naquela tertúlia, que seria a última da sua vida, dirigiu-se a Michito, uma rapariga japonesa, com estas palavras:

«Pelo Baptismo, Deus Nosso Senhor deu-te o sentido da Igreja. Reza pelos da tua terra, porque é um povo muito



Trabalho no laboratório de línguas de SEIDO.



Roma, Março de 1970 – Mons. Escrivá de Balaguer com um grupo de japonesas do Opus Dei.

grande, para que conheçam Jesus Cristo e O amem e sirvam. Já sabes que agora as tuas irmãs do Japão estão a preparar-se para abrir um colégio em Nagasaki. Há que rezar para que as dificuldades desapareçam, para que possam começar quanto antes a trabalhar ali...».

Dezassete anos antes, a conselho de um Cardeal da Cúria Romana, o Bispo de Osaka pedia ao Fundador do Opus Dei que esta Associação começasse a sua actividade em terra japonesa. Em consequência, Mons. Escrivá de Balaguer enviou ao Japão um sacerdote do Opus Dei para preparar o começo do trabalho apostólico nesse país. Nos anos seguintes, chegaram outros sócios da Obra, dos Estados Unidos, da Irlanda e da Espanha. A 15 de Julho de 1960, desembarcaram em Kobe as primeiras associadas do Opus Dei que pisavam terra japonesa.

O primeiro objectivo daqueles pequenos grupos de pessoas da Obra era porem-se em contacto com a sociedade japonesa, conhecer as pessoas, fazer amizades. Encontraram uma oportunidade para isso graças ao vertiginoso desenvolvimento económico e cultural iniciado naquele país depois da guerra mundial. Os japoneses

sentiam vivamente a necessidade de dominar um idioma ocidental, principalmente o inglês.

Daí nasceu o SEIDO LANGUAGE INSTITUTE ou SEIDO GAIKOKUGO KENKYUSHO, como se diz em japonês, que foi a primeira obra corporativa do Opus Dei naquele país.

SEIDO fica em Ashiya, uma pequena cidade situada entre os dois enormes núcleos urbanos de Osaka e Kobe que, com mais de quinze cidades-satélites, albergam uma população de cerca de oito milhões de habitantes e quase vinte universidades.

O primeiro local de SEIDO foi uma casa tipicamente japonesa: estrutura de madeira, chão de tatami e portas de correr em madeira e papel decorado. O Oratório ocupava uma divisão singela, digna e recolhida; o Sacrário e alguns vasos sagrados foram presente de Mons. Escrivá de Balaguer que, ao enviá-los, unia o amor à Eucaristia com o seu afecto por aquela grande nação do Extremo Oriente.

Esta sede depressa se tornou insuficiente e, em 1962, o ensino de idiomas foi transferido para um edifício mais adequado, construído de novo.



*Cerimónia do Baptismo de um aluno. Administra o Sacramento o Pe. Soichiro Nitta, um dos primeiros sócios japoneses do Opus Dei que foram ordenados sacerdotes.*

**«Acompanho-vos com carinho – escrevia o Padre – e rezo sempre por vós! Que alegria ver essas conversões e as outras que se pressentem!».**

Deus abençoava a oração e o sacrifício. Pessoas de todas as condições aproximavam-se da fé cristã, vindas de muito longe. O primeiro japonês da Obra – que mais tarde seria sacerdote – converteu-se em SEIDO, atraído, de princípio, pelos valores humanos que ali encontrou. O Senhor dar-lhe-ia a fé e a vocação para o Opus Dei: **«Quero muito ao meu filho primogénito – dizia Mons. Escrivá de Balaguer, em 1968, em Roma –; está dum modo especial no coração do Padre. Não é que os outros japoneses não o estejam também, mas o primogénito é o primogénito! Deus derramou sobre ti a Sua graça; Jesus é teu irmão, teu Deus. Os teus novos amigos eram estrangeiros, duma religião estrangeira; mas a Graça de Deus!... Quanto deves a Deus e como lhe queres! E quanto Ele te quere! Deus te abençoe!».**

Em 1973, o número de alunos de SEIDO ultrapassou os mil e duzentos e SEIDO teve que mudar-se para a sua sede actual, em que, além da escola de idiomas, se estabeleceu o SEIDO CULTURAL CENTER, com actividades directamente apostólicas: aulas de introdução à Sagrada Escritura (no Japão a Bíblia é um *best-seller*), colecções espirituais a que também assistem não católicos; aulas de catecismo; assis-

tência sacerdotal...

Ao mesmo tempo, criaram-se outros centros semelhantes, que deram lugar às SEIDO SYSTEM SCHOOLS, que também fornecem o material didáctico para o ensino de idiomas a mais de cinquenta centros universitários.

Em Kioto nasceu o YOSHIDA GAKUSEI SENTA e a Secção feminina do Opus Dei abriu a SHIMOGAMO ACADEMY também em Kioto, e o OHARA BUNKA SENTA em Ashiya.

O Fundador do Opus Dei acompanhou sempre com solicitude um trabalho que tinha começado *sob o seu impulso espiritual*. Enviava frequentemente sugestões de iniciativas que, durante anos, deram ânimo e orientação a esse trabalho apostólico, começado com um encargo de Mons. Escrivá de Balaguer ao primeiro sócio do Opus Dei que partiu para o Japão, recordando as primeiras comunidades cristãs no Extremo-Oriente: **«Quando chegares a Nagasaki, beija por mim aquela terra onde houve tantos mártires».**

Actualmente já se realizou o desejo que expressava àquela sua filha japonesa, na sua última tertúlia. Efectivamente, em Outubro de 1975, inaugurou-se o Centro NAGASAKI SEIDO e, em Abril de 1978, começará a funcionar um colégio feminino, concretamente aquele a que se referia Mons. Escrivá de Balaguer naquela manhã de 26 de Junho de 1975. Nesta mesma cidade da ilha de Kyushu, está a instalar-se outro colégio, para rapazes.

## Escrevem-nos

### DEIXOU A CADEIRA DE RODAS

Em Junho de 1974, M. L. foi operada a um melanoma abdominal. Em Dezembro a doença voltou a manifestar-se e teve que ser submetida a outra intervenção cirúrgica. Uns meses depois, na madrugada de 18 de Julho de 1975, acordou e viu que estava parálitica. Reagiu com muita serenidade: rezou e esperou que amanhecesse.

Os médicos que a trataram diagnosticaram um tumor na coluna e aconselharam que fosse operada dentro de vinte e quatro horas. Depois da operação continuou sem mover as pernas e foi submetida, durante cinco meses, a um tratamento fisioterápico sem resultados positivos, pelo que M. L. ficou sempre numa cadeira de rodas.

Algum tempo depois, estando em S. Paulo, falaram-lhe da vida santa de Mons. Escrivá de Balaguer e deram-lhe uma pagela com a oração para a devoção privada. Começou a rezá-la convencida de que seria ouvida.

Passados dez ou doze dias, ia regressar ao Rio de Janeiro e, quando chegou ao pé da escada do avião na cadeira de rodas, conta M. L. que sentiu como que uma força interior que a impelia a andar. Assim, com decisão, disse ao Comissário de bordo que estava a preparar a sua subida para o avião: «Subirei pelo meu próprio pé»: e, levantando-se, foi subindo pouco a pouco até ao avião, apoiada no corrimão da escada. Uma semana depois, já tinha recuperado a liberdade de movimentos e agora anda normalmente.

O médico que a tinha operado à coluna mostrou-se profundamente impressionado ao encontrá-la um dia, por acaso, no hospital. Custava-lhe a acreditar que era verdade o que via.

**P. B., de S. Paulo (Brasil)**

### A FEBRE DESAPARECEU

M. R. adoeceu e, ao fim de poucos dias, foi internada num hospital. Uma noite a temperatura da rapariga subiu muito, repentinamente, acompanhada duma dilacerante dor de cabeça. A situação era tão grave, que todos pensaram que ia morrer; contudo, a sua doença não tinha sido diagnosticada. Nesse momento crítico, a tia lembrou-se da pagela com a oração para a devoção privada a Mons. Escrivá de Balaguer, que tinha no bolso, pegou nela e pô-la entre as mãos da rapariga, enquanto lhe pedia que repetisse com ela as palavras da Avé-Maria. Três minutos depois a temperatura baixava e a dor de cabeça diminuía até desaparecer.

Mais tarde a doença foi diagnosticada como meningite. Há poucos dias, M. R. deixou o hospital. Durante todo esse tempo a pagela esteve debaixo do seu travesseiro.

**I. M., de Londres (Inglaterra)**

### 25 TONELADAS

O meu marido estava a lavar um camião de 9 toneladas, carregado de banha de porco, ao lado da nossa casa, situada no Bairro Buenos Aires, a oriente de Medellin, numa calçada bastante inclinada. Quando o meu marido se dispunha a levar o camião para a garagem, e depois de o ter posto em marcha, o veículo começou a rodar pela calçada, descontrolado. Devido ao peso - 9 toneladas vazio e 16 de carga, no total 25 - era impossível pará-lo nesse momento, por meios mecânicos ou de outra índole. O meu marido procurava controlá-lo utilizando a caixa de velocidades, mas era inútil.

Ao observar tudo isto, a minha preocupação foi enorme; mas, em vez de sair para a rua, fui muito rapidamente ao meu quarto à procura da pagela do Padre e disse-lhe: «Padre, salvai-o, porque é vosso filho, e vós mesmo lhe destes há pouco este trabalho, depois de ouvirdes as nossas súplicas por um emprego para ele». Rezei-lhe, como sempre faço, com uma fé e um fervor muito grandes.

Passados trinta segundos, todos os vizinhos se aglomeraram à porta da minha casa para me contarem, cheios de grande emoção e espanto, que nada tinha acontecido ao meu marido, e que nem sequer havia causado qualquer dano a pessoas, carros ou casas. Repetiam que era inexplicável como o camião, em determinado momento, travou instantaneamente na sua corrida pela calçada. Perguntaram-me porque não tinha saído para ver o que ia acontecer no final do percalço; mas respondi-lhes que primeiro fui pedir ao Padre, que fora ele quem conduziu o camião nesse momento para que nada sucedesse.

Nessa noite tive que distribuir várias pagelas do Padre, porque os meus vizinhos estavam convencidos de que aquilo fora um milagre, pois um camião tão pesado podia ter causado uma catástrofe.

Depois do ocorrido, um mecânico inspeccionou o camião e verificou que o cardan tinha rebentado; ao avariar-se esta peça, os travões pneumáticos deixam de funcionar e até o travão do motor que os ditos veículos possuem.

**E. M. A., de Medellin (Colômbia)**

### DESAPARECEU A DOR

Durante muitos anos, a minha mãe sofreu intensas dores produzidas por uma hérnia na coluna vertebral. Há pouco mais de um ano operaram-na, unindo duas vértebras da zona lombar com um enxerto de osso de uma perna. Desde essa intervenção ficou sem sintomas, até que há um par de meses reapareceram as dores de maneira progressiva. Decidiu ficar deitada sem consultar qualquer médico. Mas a situação começou a agravar-se até ao ponto de não se poder mover nem sequer para se voltar ou se levantar o mínimo indispensável. Foi então que comecei a preocupar-me seriamente, pensando mesmo na possibilidade de um tumor maligno, como causa provável. No meio da angústia que isto me produzia, resolvi sugerir-lhe que se confiasse à intercessão do Padre e que lhe oferecesse as dores pela intenção que ele quisesse. Fiz-lhe chegar uma pagela com a oração para a devoção privada.

O resultado foi algo de extraordinário pois, tendo começado a rezar ao Padre, já pôde levantar-se na tarde desse mesmo dia, distraíndo-se até um pouco a preparar o jantar. No dia seguinte já se levantou cedo e até ao dia de hoje leva uma vida absolutamente normal.

**E. B. M., de Santiago do Chile (Chile)**

### JUNTO DO TÚMULO DO PADRE

O meu pai é uma pessoa cheia de virtudes mas, apesar de ser baptizado, não se interessava pela prática religiosa. Tive oportunidade de visitar a cripta onde Mons. Escrivá de Balaguer está sepultado. Rezei-lhe intensamente pela conversão do meu pai. Era meio-dia. Como nas Filipinas estamos sete horas adiantados em relação à Europa, seriam cerca de sete horas da tarde quando pedi esta graça. Por volta das nove da noite, o meu pai surpreendeu a minha mãe ao perguntar-lhe se no dia seguinte, Quinta-Feira Santa, haveria Missa. Nesse dia foram juntos à Missa e, no outro, aos Ofícios de Sexta-Feira Santa.

Agora o meu pai está a levar a sério os seus deveres religiosos.

**N. N., de Manila (Filipinas)**

### RECUPERAÇÃO INESPERADA

O meu irmão partiu uma vértebra do pescoço. Depressa se comprovou que não conseguia mover nenhum dos membros e que tinha perdido por completo a sensibilidade corporal. Parecia impossível uma cura completa. Muitos amigos e conhecidos começaram a recorrer à intercessão de Mons. Escrivá de Balaguer. Algumas destas pessoas fizeram uma viagem a Roma e puderam rezar por ele junto ao túmulo do Fundador do Opus Dei. Depois de uma série de progressos inesperados na sua doença, foi considerado totalmente restabelecido física e mentalmente. Para mim isto é como que um milagre.

**M. D., de Colónia (Alemanha)**

### REGRESSOU ESPONTANEAMENTE

Muitíssimo angustiada com as condições psíquicas do meu filho, que tinha fugido do hospital em que estava internado, recorri a Maria Santíssima e rezei com fé viva a oração a Mons. Escrivá de Balaguer: eram três da tarde. Às três e dez, um irmão meu, que não sabia nada do que sucedera, telefonou para o hospital para saber do meu filho e recebeu a inesperada notícia de que tinha regressado por si só, cinco minutos antes. Estou a rezar o Terço em acção de graças e continuarei a novena a Mons. Escrivá de Balaguer.

**N. N., de Milão (Itália)**

Devido a uma graça na minha vida espiritual, obtida por intercessão de Mons. Escrivá de Balaguer, envio um donativo para a publicação do Boletim Informativo.

**R. C., de Madrid (Espanha)**

Petição a Mons. Escrivá de Balaguer: «Que aumente o número de autênticas vocações religiosas na minha Congregação, para atendermos tantas paróquias que de nós precisam». Graça concedida: «ingressaram trinta jovens excelentes e continuam a ingressar mais! Louvado seja Deus!».

**M. N., de Arequipa (Peru)**

O meu pai estava na disposição de abandonar a família. Com isto, a situação da minha mãe e dos seus seis filhos tornar-se-ia extremamente angustiante. Eu e a minha mãe começámos a confiar o assunto a Mons. Escrivá de Balaguer. Passados poucos dias, o meu pai reagiu favoravelmente.

**N. N., de Maracaibo (Venezuela)**

Não recebi os Sacramentos durante sete anos. Depois de rezar a oração a Mons. Escrivá de Balaguer, confessei-me e desde então faço-o com regularidade.

**N. N., de Ibadan (Nigéria)**

O meu marido esteve bastante tempo sem trabalho. Confiei o assunto a Mons. Escrivá de Balaguer e ele obteve um emprego, providencialmente. Agradecida, mando uma ajuda económica para as vossas obras de apostolado.

**M. S., de Chicago (E.U.A.)**

Fiz uma novena a Mons. Escrivá de Balaguer pedindo por um filho meu, sacerdote, que parecia desviar-se do seu caminho. Ao quarto dia da novena, telefonou-me a dizer que tinha mudado completamente e que desejava ser muito fiel. Permanece nesta disposição tão grata. Que Monsenhor seja glorificado.

**N. N., de Dublin (Irlanda)**

O meu marido já há 37 anos que não se confessava, e o meu filho há 18. Pedi a Mons. Escrivá de Balaguer a sua intercessão, com todo o coração, e os dois acederam com todo o gosto, tendo recebido devotamente o Senhor.

**N. N., de Guatemala (Guatemala)**

Num casal, depois de 25 anos de casados, surgiu um problema muito grave, que os ia levar à separação judicial. Recorreu-se ao Padre e, milagrosamente, o marido voltou atrás na sua decisão e a reconciliação tornou-se possível.

**A. A., de Porto (Portugal)**

Entreguei à minha tia, que não se aproximava dos Sacramentos, uma pagela de Mons. Escrivá de Balaguer. Algum tempo depois, disse-me: «Já sabes o milagre que o Padre fez? No sábado passado confessei-me e comunguei, depois de quarenta e oito anos».

**N. N., de Montevidéu (Uruguai)**

Um amigo muito querido levava uma vida como a de Santo Agostinho antes da sua conversão. Pedi ao Padre por ele. Mudou tanto de vida, que se casou pela Igreja e faz apostolado.

**J. P. de C., de Paris (França)**

Eu e a minha família estávamos muito preocupados com um problema que nem nos deixava dormir. Um parente entregou-nos uma pagela com a oração a Mons. Escrivá de Balaguer. Rezámos uma novena, e outra... e outra. Quase

perdidas as esperanças, esse parente disse-nos que a 9 de Janeiro, aniversário de Monsenhor, lhe pedíssemos uma prenda. No dia seguinte, a 10, recebemos o seu presente: a solução do problema. Envio um donativo e a recomendação para que todas as pessoas necessitadas procurem a sua protecção.

**A. G., de Quito (Equador)**

Uma das minhas irmãs já tinha sido submetida a três operações à coluna. O médico tinha-nos avisado de que não resistiria a outra operação e que, se recaísse, podia acabar os seus dias numa cadeira de rodas. Há pouco notámos que começava novamente a doer-lhe o ombro e que nem sequer era capaz de se sentar numa cadeira normal. Imediatamente, toda a família começou a novena a Mons. Escrivá de Balaguer. No último dia da novena, a minha irmã comunicou-nos que já não tinha qualquer dor e que já se sentia curada. Desde então temos distribuído muitas pagelas, para que também outras pessoas recorram à intercessão de Mons. Escrivá de Balaguer.

**N. N., de Montreal (Canadá)**

Um grupo de raparigas procurava ajudar as garotas católicas de um colégio, mas a Directora, que se opõe directamente à Igreja Católica, levantava muitos obstáculos: não lhes dava tempo para se irem confessar, ordenou que a hora do jantar fosse uns minutos antes da Missa, etc. Pedi a Mons. Escrivá de Balaguer que interviesse. A Directora já consentiu uma mudança de horário para que possamos assistir à Missa aos domingos de manhã, e deu-lhes tempo para se irem confessar.

**U. O., de Nairóbi (Quénia)**

O meu marido estava, há anos, afastado da fé. Rezei por ele durante todo este tempo. Ultimamente comecei uma novena a Mons. Escrivá de Balaguer. No domingo passado disse-me de repente: «Vou acompanhar-te à Missa». É como que um milagre.

**N. N., de Zurique (Suíça)**

Em 1975, o meu marido ficou sem trabalho por vários meses e, quando víamos tudo muito complicado e sem saída, comecei uma novena a Mons. Escrivá de Balaguer. Um dia depois de a haver terminado, foi-lhe oferecido um trabalho.

Este ano o meu marido voltou a ficar sem trabalho; comecei outra vez a novena, cheia de fé, pois sabia que o Senhor, através da Virgem Santíssima e de Mons. Escrivá de Balaguer, ouviria os meus rogos. Quando as coisas pareciam definitivamente más, ofereceram ao meu marido um bom trabalho, fora do México, tal como desejávamos.

**M. V. de R., de México D. F. (México)**

Quase todos os fiéis da paróquia de Momoyama receberam o Boletim Informativo. Uma senhora que, tal como a sua família, não ia à Igreja desde há muito tempo, sentiu-se movida, por uma série de coincidências, a ler todo o Boletim. No domingo seguinte, apareceu na Igreja com toda a família, desejosa de voltar aos Sacramentos. O pároco ainda não deixou de exprimir o seu assombro.

**L. L., de Quioto (Japão)**

Agradecemos as numerosíssimas cartas que nos chegam. São testemunho da devoção privada com que tantas pessoas, em todo o mundo, rezam a Deus Nosso Senhor, pondo como intercessor Mons. Escrivá de Balaguer. Por falta de espaço, reproduzimos aqui apenas parágrafos de algumas, que referem acontecimentos importantes ou episódios simples.

Também agradecemos, a todos, os donativos que nos mandam para colaborar nos gastos de edição e distribuição deste Boletim Informativo e para ajudar o desenvolvimento das obras apostólicas promovidas pelo amor que Mons. Josemaría Escrivá de Balaguer tinha a todas as almas.

# OBRAS PUBLICADAS DE MONS. ESCRIVÁ DE BALAGUER

## Caminho

«Monsenhor Escrivá de Balaguer escreveu algo mais do que uma obra-prima: escreveu inspirando-se no seu próprio coração, e ao coração chegam directamente também os breves parágrafos que, como versos soltos mas completos, formam o CAMINHO (...), em que não aparece a rigidez suspicaz de um «código», mas, pelo contrário, a fraterna e ardente indulgência do Autor, a paternal solicitude com que vê, compreende, corrige, persuadindo e não ameaçando» (De «L'Osservatore Romano», 24-III-1950).

A primeira edição deste livro publicou-se em Fevereiro de 1934 (Cuenca, Imprenta Moderna), sob o título de **Consideraciones Espirituales**. Desde então, as edições têm-se multiplicado cada vez mais rapidamente, alcançando o número de 138 edições em 34 idiomas com 2.637.075 exemplares, em Abril de 1977.\*

Livro de meditações sobre cada um dos quinze mistérios da vida de Cristo e da Virgem, que se contemplam ao rezar o Santo Rosário.

A primeira edição publicou-se também em 1934. Desde então apareceram 40 edições em 10 idiomas.\*

Várias revistas e jornais dirigiram perguntas concretas a Mons. Escrivá de Balaguer, focando os temas de maior importância para os respectivos leitores. Mons. Escrivá de Balaguer respondeu, por escrito e exaustivamente, às perguntas que lhe tinham formulado. Neste livro recolhe-se o texto completo dessas entrevistas.

A primeira edição publicou-se em 1968. A partir de então, publicaram-se 27 edições em 7 idiomas.\*

O livro recolhe algumas das muitas homilias pronunciadas por Mons. Escrivá de Balaguer ao longo da sua vida. Constituem uma profunda e sugestiva exposição da doutrina e da vida cristã. No estilo conjugam-se a profundidade teológica e a clareza da exposição.

A primeira edição deste livro publicou-se em Março de 1973. Até Abril de 1977, surgiram 26 edições em 6 idiomas.\*

Uma investigação penetrante sobre um caso extraordinário de jurisdição quase-episcopal por parte da abadesa do famoso mosteiro de Burgos, realizada a partir das fontes e documentos originais.

A primeira edição publicou-se em 1944. A segunda data de 1974.

\* Editados em português. Pedidos às livrarias ou às Edições Prumo Lda. Rua Bernardo Lima, 45, 2.º - Lisboa.

## Santo Rosário

## Temas actuais do Cristianismo

## Cristo que passa

## La Abadesa de las Huelgas

## ORAÇÃO

para a devoção privada

*Ó Deus, que concedestes graças inumeráveis ao vosso servo Josemaría, sacerdote, escolhendo-o como instrumento fidelíssimo para fundar o Opus Dei, caminho de santificação no trabalho profissional e no cumprimento dos deveres quotidianos do cristão, fazei com que eu saiba também converter todos os momentos e circunstâncias da minha vida em ocasião de Vos amar e de servir, com alegria e com simplicidade, a Igreja, o Pontífice Romano e as almas, iluminando os caminhos da terra com a luz da fé e do amor. Dignai-Vos glorificar o vosso servo Josemaría, e concedei-me por sua intercessão o favor que Vos peço ... (peça-se).  
Ámen.*

Pai Nosso, Avé Maria, Glória.

Em conformidade com os decretos do Papa Urbano VIII, declaramos que com este **Boletim Informativo** em nada se pretende antecipar o juízo da Autoridade eclesiástica e que esta oração não tem nenhuma finalidade de culto público.

Este **Boletim Informativo** é distribuído gratuitamente. Quem o desejar pode, com os seus donativos, contribuir para os gastos desta publicação e para o sustento das actividades apostólicas criadas pelo impulso espiritual do Fundador do Opus Dei, de santa memória. Esses donativos podem ser enviados, directamente, por vale postal ou cheque para a **Vice-Postulação do Opus Dei em Portugal**, Campo Grande, 193 - Lisboa-5; ou então, por transferência bancária para a conta D.O. 210/7873Y, Banco Nacional Ultramarino, Arco do Cego, Lisboa-1.

Agradecemos o envio do nome e morada de pessoas a quem possa interessar receber este **Boletim Informativo**, ou memórias com a oração para a devoção privada.